

TRINCHEIRAS NO JARDIM:

A RELATIVAMENTE CURTA DURAÇÃO DO MOVIMENTO INTERNACIONAL DAS CIDADES JARDINS (1913-1926)

Thiago Mauer Lopes

Grupo de Estudos sobre Sociedades e Territórios, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
thiagomauer@hotmail.com

Joel Outtes

Grupo de Estudos sobre Sociedades e Territórios, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
joel.outtes@ufrgs.br

INTRODUÇÃO

Fundada em 1913, a *International Federation for Housing and Planning*¹ (IFHP), é uma das principais instituições internacionais de promoção do diálogo entre planejadores das áreas de habitação e planejamento físico, que “visa a criar e promover o entendimento das questões de assentamento humano em um mundo em mudança”² (IFHP, 2013), e que conta com a participação de membros e instituições ao redor de todo o planeta, inclusive no Brasil, que sediou o 54º Congresso Internacional da instituição, em Porto Alegre, no ano de 2010.

Se o objetivo da IFHP é o diálogo e a compreensão da variedade de situações que o mundo apresenta como solução para o que se coloca quando o assunto é a vida do ser humano e seu lugar no mundo físico, essa nem sempre foi a posição em que a entidade se colocou. No princípio, quando fora fundada, a IFHP possuía o singelo nome de *International Garden-Cities and Town Planning Association*³ (IGCTPA), e tinha como objetivo principal a promoção do famoso planejamento de cidades jardins, ideia de Ebenezer Howard, que já havia sido aplicado em solo britânico com sucesso, e que agora se pretendia internacional, através da promoção dessa ideologia nos demais países do mundo, em especial na Europa. A IGCTPA fora competente em se espalhar e receber o apoio de planejadores de todo o continente europeu, ampliando o britânico movimento das cidades-jardins a nível internacional, porém, paradoxalmente, essa seria também a razão para a curta duração e fim

¹ Em português: Federação Internacional para Habitação e Planejamento.

² Em tradução livre.

³ Em português: Associação Internacional de Cidades Jardins e Planejamento Urbano.

premature do movimento internacional das cidades jardins, que seria ressuscitado apenas na virada do século XX para o XXI.

Esse trabalho visa apresentar parte de pesquisa a respeito da trajetória das ideias que compuseram a IFHP desde a sua fundação até a atualidade, lançando mão da análise de anais de eventos e periódicos de todo o período. Aqui, nos focaremos no primeiro momento da instituição, quando a mesma sofre uma reviravolta de 180° e abandona os ideais que levaram à sua fundação, para focar-se em objetivos mais próximos aos da atualidade, como a habitação (social, em especial, ou não) e o planejamento regional, definidos em um processo radical de remodelação da instituição, que ocorreu entre 1922 e 1926, e que só sofreria nova remodelação quatro décadas depois, em 1960.

O MOVIMENTO DAS CIDADES JARDINS NA GRÃ-BRETANHA

Ebenezer Howard, para começar, não era arquiteto de profissão, sequer era planejador, mas um taquígrafo do interior da Inglaterra que se aventurara pelos Estados Unidos, em especial pela cidade de Chicago, conhecida à época por “a cidade jardim”. A experiência de conhecer os dois lados do Atlântico foram o suficiente para influenciá-lo a ter uma visão social da cidade, o que o levou a escrever sua única obra, “*Tomorrow, a Peaceful Path to Real Reform*”, em 1898, mais conhecida pelo nome da sua segunda edição, de 1902: “*Garden Cities of To-morrow*”, recheada de influências externas, de planejadores de várias localidades do mundo anglófono, e que Howard tivera a capacidade de unir em um único ideal, que influenciaria o planejamento por gerações (Hall, 2011, p. 103-108).

Assim, Howard imaginou uma cidade que possuísse uma área suficiente para 30mil habitantes, planejada para o bem-estar da comunidade, a preservação da natureza, a garantia da saúde e a comunicação facilitada com os distritos circundantes. A cidade jardim teria um número de habitações limitado para que a circulação de ar e luz ficasse garantida, assim como contando com a presença de espaços públicos de lazer, cercada eternamente por um “cinturão verde” de áreas agrícolas com uma população mais ampla que a da área urbana e voltada para a subsistência do distrito, tornando-a autossustentável e com os lucros da cidade sendo voltados para os interesses da comunidade. Por fim, Howard defendia que a cidade contasse com áreas residenciais, comerciais e industriais próximas, de maneira que o trabalhador não precisasse realizar grandes deslocamentos para suprir suas necessidades básicas, de lazer e laborais (Allan, 2013. p. 27-28).

O sucesso editorial e ideológico de Howard levou à fundação, já no ano seguinte à publicação do seu livro, da *Garden Cities and Town Planning Association*⁴ (GCTPA), uma instituição local britânica para a promoção dessa fervorosa ideia, e que atrairia a atenção de planejadores como Raymond Unwin e Barry Parker que, com o auxílio do capital financeiro levantado pela recém-criada companhia *First Garden City Ltd.*, em 1903, ergueriam a primeira cidade baseada no planejamento de Ebenezer Howard, Letchworth Garden City, nas redondezas de Londres. Com o sucesso da cidade e sua organização, junto à forte propaganda que a GCTPA realizava com relação ao projeto, a instituição e a ideologia das cidades jardins passaram a ter notoriedade internacional, recebendo a visita de planejadores e curiosos das mais variadas partes do planeta, com o interesse de compreender melhor a ideia, e levá-las para implantação em seus países (Mauer et al., 2014, p. 2-3).

Com a procura pela compreensão do funcionamento de Letchworth e das práticas do movimento, no ano de 1907 a GCTPA organiza o primeiro congresso internacional para debater o tema e, seis anos depois, uma década após a fundação da primeira cidade jardim, em 22 de Agosto de 1913, organiza um encontro com planejadores locais e de outras localidades da Europa, EUA e Japão para debater o recebimento de uma grande quantidade de cartas, oriundas das mais diversas localidades, muitas das quais solicitando suporte no assunto. A partir das dúvidas apresentadas pelos remetentes, lidas por Cecil Harmsworth e Ewart G. Culpin pareceu necessária a criação de duas entidades internacionais, uma para promover o movimento das cidades jardins, e outra para auxiliar no debate das ciências sociais e físicas. Por unanimidade, optou-se por unir as duas necessidades em uma única associação, a *International Garden Cities and Town Planning Association*, que teria como seu primeiro presidente a sua fonte de inspiração, Ebenezer Howard (IFHP, 1963; Allan, 2013. p. 25-26 e 29).

O MOVIMENTO INTERNACIONAL DAS CIDADES JARDINS

A recém-fundada Associação teria sua organização vinculada à já estabelecida GCTPA, utilizando tanto da sede da mesma, localizada em Londres, quanto das publicações da *Garden Cities and Town Planning Magazine*, revista da associação britânica e que já

⁴ Em português: Associação de Cidades Jardins e Planejamento Urbano.

circulava há anos, onde possuiria um bloco de comunicação especial e divulgação de seus trabalhos e comunicação com seus membros.

Embora anunciado para Letchworth (GCTPA, 1913c), o primeiro encontro da IGCTPA se deu em Janeiro de 1914, na cidade de Paris, organizado após o envio de convites para planejadores de toda Europa, América do Norte e Ásia, informando da fundação da Associação e convidando todos a se associarem a ela e participar do primeiro congresso mundial da organização. O encontro contou com a participação de 250 pessoas, oriundas de 15 países (Allan, 2013, p. 38) e foi focado na visita a alguns recursos cívicos locais e com a apresentação dos bibliotecários municipais sobre os planos do traçado da cidade em seus primeiros assentamentos (GCTPA, 1914a).

Bem sucedido, o primeiro encontro acabou fomentando o segundo, que ocorreu apenas cinco meses depois, em Julho, na Grã-Bretanha, em forma de turnê por cidades como Birmingham, Londres, Liverpool e Letchworth, e teve igual número de participantes do encontro anterior, 250, dos quais 146 eram estrangeiros oriundos de 14 países (GCTPA, 1914b, p. 180). Durante os debates, a preocupação que mais se destacou foi com relação à saúde das populações, especialmente das crianças, com delegados trazendo à discussão os novos achados das ciências médicas e biológicas, que passaram a esclarecer como nunca a origem das doenças e epidemias, derrubando as teses medievais que davam conta delas como caráter de “punição divina” e/ou dos higienistas e sua teoria dos miasmas, substituindo-as pelo planejamento sanitário (GCTPA, 1914d, p. 184).

Do total de trabalhos apresentados naquele congresso, que foram oito, dois (25%) tratavam de cidades jardins; um (12,5%) tratava de habitação em cidades jardins; dois (25%) sobre planejamento urbano; dois (25%) sobre habitação e planejamento urbano e; um (12,5%) sobre habitação apenas (GCTPA, 1914b). Ao término do encontro, se convencionou que o congresso seguinte, em 1915, ocorreria na cidade alemã de Düsseldorf, em conjunto com a exposição de cem anos de arte e cultura germânica (GCTPA, 1914c, p. 151), plano que se viria frustrado uma vez que apenas três dias após o encerramento, em Londres, no dia 28 de Julho, Francisco Ferdinando seria assassinado em Sarajevo, dando origem à primeira Guerra Mundial, que colocaria em lados opostos parte dos delegados que recentemente confraternizavam, com britânicos, franceses, russos e belgas de um lado, e alemães, austríacos e húngaros do outro.

Em virtude do conflito e da impossibilidade de encontros mais amplos para a IGCTPA, mas visando não interromper o trabalho que iniciara há tão pouco, a Associação estabeleceu uma meta para o conturbado biênio 1915-1916, manter o trabalho de promoção das cidades jardins e o diálogo entre os planejadores britânicos e estrangeiros que estivessem exilados na Grã-Bretanha, visando o fim da guerra. Assim, em conjunto com os governos belga e britânico e a GCTPA, organizam um congresso especial na cidade de Londres, congresso esse que viria a se focar no planejamento para reconstrução das cidades belgas, as mais afetadas pelo conflito e os ataques e bombardeios alemães, razão pela qual a coroa belga enviou cerca de 300 planejadores a cruzarem o Mar do Norte para participar do encontro. Entre os grupos de discussão, se debateu “os princípios da cidade jardim e suas aplicações na Bélgica”, “os princípios gerais das cidades jardins”, esses dois primeiros, apresentados por Culpin e Unwin, respectivamente, e os “primeiros passos” para a reconstrução do país, contando principalmente com o ideal da cidade jardim como alternativa para a reconstrução das cidades que estavam sendo devastadas pelo conflito (GCTPA, 1915, p. 45; GCTPA, 1917, p. 38).

A guerra perduraria ainda mais quatro anos, encerrando-se em 1918, com uma Europa sob escombros. Se a IGCTPA ficara esse período sem se reunir novamente, logo após o tratado de paz, a cidade de Bruxelas, com o apoio do governo nacional e da *Union des Villes et Communes Belges*⁵ organizam o 3º Congresso internacional da Associação que, assim como no encontro de 1915, debateria as técnicas de reconstrução das cidades postas abaixo entre 1914 e 1918. Aproveitou-se a ocasião para apresentar aos participantes do mundo aliado (uma vez que os oponentes estavam proibidos de participar dos encontros da Associação) a situação dramática em que o país se encontrava. Os delegados foram levados a áreas devastadas, trincheiras e a cidades bastante atingidas da região do Flandres, como Roulers, cidade industrial onde ao menos 130 fábricas foram destruídas (GCTPA, 1919a, p.180; IGCTPA, 1920, p. 4-5).

Diante do cenário de destruição, o tema de debate não poderia ser outro senão a reconstrução das cidades que foram devastadas, com a cidade jardim sendo tratada como a maneira mais eficiente de garantir a saúde e a qualidade de vida do trabalhador urbano e rural. De forma geral, o encontro tratou aquele doloroso momento não apenas como uma

⁵ Em português: União de Cidades e Comunas Belgas.

calamidade pelos terrores que se passaram, mas também como uma oportunidade de se consertar os erros de planejamento do passado e edificar uma Europa mais apropriada às necessidades presentes e futuras. Dentro dessa situação, a habitação recebeu destaque, uma vez que milhões de pessoas se encontravam desabrigadas, com uma sessão focando o planejamento urbano e a habitação, e a outra a necessidade de leis que dessem conta do assunto (GCTPA, 1919a; GCTPA, 1919b). Comovido com os esforços belga e a devastação e morte causada durante o duro embate, Ebenezer Howard realizou um discurso onde defendeu que as cidades jardins e suas propostas que uniam o industrial e o rural eram as cidades da “nova vida”, e que ele usaria todas as suas energias para a elaboração do projeto da “Cidade Jardim Internacional”⁶ belga (o que já havia proposto em Londres, em 1915, de maneira mais tímida), que seria um memorial da guerra e um modelo monumental para o mundo (GCTPA, 1919b, p. 239-240).

Em 1920 o Congresso (o 4º da IGCTPA) retorna a Londres, onde recebe 160 delegados de 26 países (GCTPA, 1920, p.66) (esse, juntamente com o congresso seguinte, em 1922, seria o menor número de participantes da história centenária da IFHP), onde se debate principalmente, tal como nos encontros anteriores, a reconstrução das cidades, mas dessa vez focada naquelas que tiveram de ser erguidas em outros sítios, pois seus assentamentos antigos se encontrariam inviáveis. Outra característica marcante é a preocupação com os “novos” problemas urbanos, principalmente no que diz respeito à industrialização do capital e do trabalho e das novas tecnologias que o século XX apresentava (IGCTPA, 1920, p. 8-11; 66).

É notável que, em 1920, a exaltação da cidade jardim começa a diminuir, e sua influência nos círculos de debate a arrefecer, como é possível ver nos anais do encontro, onde há apenas três artigos trabalhando o tema (23%), enquanto que o planejamento, urbano e rural, contou com cinco artigos (38%) e a habitação com outros dois (15%), com os demais tratando de assuntos locais e variados. Mais interessante ainda é notar que os artigos referentes às cidades jardins foram todos escritos por britânicos, enquanto que os demais foram trabalhados por europeus de diversas nacionalidades (IGCTPA, 1920; GCTPA, 1920, p. 66).

Como não podia deixar de ser, a Bélgica, país mais devastado do continente, volta ao centro do debate, dessa vez por uma questão histórico-filosófica, pois dois monumentos da

⁶ “International Garden City as a memorial of the war” (GCTPA, 1919b, p. 240).

cidade de Ypres, o *Cloth Hall* e a *Catedral de St. Martin*, foram devastados durante ataque à cidade e se tornaram ruínas, levando planejadores do país a entrarem em uma ferrenha discussão sobre o que fazer com relação a essas duas edificações. Um grupo defenderia a restauração dos mesmos, com vistas a manter a história medieval do país, enquanto o outro defendia que eles fossem mantidos em ruínas, como preservação da história recente e da resistência do país diante da investida alemã durante a primeira grande guerra. Os participantes do Congresso se posicionam a favor da manutenção do estado de ruínas, com a criação de um parque nos entornos, visando preservar a memória da guerra para a posteridade. Uma petição foi assinada e enviada ao governo local (IGCTPA, 1920, p. 66-67), o que não surtiu efeito, pois, na atualidade, ambos os monumentos encontram-se restaurados.

AS TRINCHEIRAS NO JARDIM

O ano de 1922 foi o derradeiro ano da Associação. Naquele ano, assim como em 1914, ocorreram dois congressos, o primeiro em Londres, o segundo em Paris, ao invés de Roma, onde deveria ter ocorrido (IGCTPA, 1922, p. 25).

No encontro de Londres, que foi o 5º Congresso Internacional da IGCTPA, onde participaram 160 delegados de 32 países, os participantes britânicos se esforçaram para manter a sua ideologia, as cidades jardins, em pauta, uma vez que outras questões vinham tomando o espaço dela na agenda da Associação. Diante do abandono gradual da Europa continental ao princípio da cidade jardim, que voltava suas atenções para a redução dos custos com a construção das moradias e que materiais alternativos poderiam ser utilizados para efetuar esse barateamento já que a habitação, em especial para as classes mais pobres, se apresentava como o maior desafio do continente pós-guerra, os britânicos ainda tentavam resgatar o furor de outrora e mostrar como os ideais de Ebenezer Howard seguiam sendo a solução mais eficaz para os problemas tanto habitacionais como urbanos em geral, e que poderiam sofrer alterações, sempre que necessário, para se adequarem às características ímpares de cada localidade do globo, desde que a cidade jardim

“Ela [venha a] prover a todas as classes da comunidade para que ela possa soar como um bem cívico. Ela deve prover para a indústria, para que possa se manter. Ela deve ser planejada como um todo. Ela deve combinar interesses rurais com urbanos. Finalmente, ela deve controlar a

*totalidade das terras em que ela é construída e seus arredores*⁷ (IGCTPA, 1922, p. 11 apud Mauer et al., 2014, p. 7).

Para os que seguiam entusiastas do movimento, se o problema que se colocava para as demais nações era a captação de recursos financeiros para a efetivação do projeto das cidades jardins, os britânicos sugeriam que o exemplo da mais recente cidade jardim inglesa, Welwyn Garden City, fosse seguido. Nessa, foi criada uma companhia voltada ao levantamento de fundos, principalmente através da venda de títulos imobiliários e empréstimos, e que em troca realizou o planejamento e construiu a infraestrutura básica, como drenagem, saneamento, distribuição da rede elétrica e construção das vias internas. Porém, como fora no princípio de sua fundação, a Associação seguia defendendo, aqui em artigo de C. B. Purdom e Sir Theodore Chambers, que para o sucesso do movimento era necessário que se seguisse com 1) publicidade e propaganda, 2) apoio da legislação, 3) estabelecimento de meios financeiros (*financial facilities*) e 4) a construção da cidade jardim que, bem organizada e servindo de exemplo, ainda aparece como a melhor maneira de se realizar propaganda e angariar simpatizantes (IGCTPA, 1922, p. 11-12).

Apesar de todo o esforço realizado pelos britânicos pela manutenção do *status quo* e da predileção da Associação à ideologia insular e sua ligação direta com seus pais fundadores, a proposta de desmembramento da GCTPA e a criação do primeiro estatuto independente da IGCTPA foi colocado em prática já no Congresso de Setembro de 1922, em Paris, o 6º da Associação, que foi organizado para discutir a inviabilidade da implantação das cidades jardins fora da Grã-Bretanha. O resultado final do evento daria início a um caminho sem volta que mudaria o modo de ação daquela entidade.

Já havia sido proposta, pelo conselho provisório, em 1920, a autonomização da IGCTPA frente à associação britânica, porém, apenas no encontro de 1922, quando Ebenezer Howard se fez ausente por problemas de saúde, essa reivindicação dos países continentais ganhou eco, uma vez que, por ser uma associação internacional, essa deveria se voltar às circunstâncias locais de cada país, e não apenas focar-se no planejamento britânico como um modelo universal (Allan, 2013, p. 60), fruto do caráter ainda colonialista daquele país.

Dessa maneira, e em resposta às provocações continentais, pela primeira vez na história da Associação, um estrangeiro é eleito presidente do conselho executivo, o prefeito de

⁷ Em tradução livre.

Surrenes, o francês Henri Sellier, fato que premeditaria o resultado final do encontro do conselho, ainda que o presidente da Associação continuasse sendo Ebenezer Howard (que só abandonaria o cargo em virtude de sua morte, em 1928). Esse encontro culminou na criação de uma equipe individual com H. Chappman como secretário organizador (uma vez que, até então, GCTPA e IGCTPA possuiriam um mesmo corpo administrativo), e alteração no corpo de objetivos da Associação, que passaria a ser uma instituição de habitação e planejamento urbano, primariamente, mas que reconheceria, também, os fundamentos das cidades jardins. Apesar dessas mudanças, o endereço seguiria o mesmo, partilhado com a associação britânica, em Londres (IGCTPA, 1922b, p. 6-7).

Entretanto, a principal alteração se deu no estatuto legal, visando a maior internacionalização da IGCTPA, que permitiria que associações e federações nacionais (onde essas existissem), assim como membros independentes, se filiassem a ela, e essa teria o papel de reconhecimento das primeiras como representantes de seus respectivos países. Assim, a IGCTPA deixou de ser uma associação, tornando-se uma federação e adotando o título de IGCTPF – *International Garden City and Town Planning Federation*⁸, e passa a contar com um número maior de vice-presidentes e representantes executivos de vários países. Além disso, o conselho passou a ser formado por um representante para cada 500 membros por país, com um máximo de cinco representantes por nação e a indicação de seis membros do comitê executivo, entre eles o tesoureiro e o presidente. Ainda na proposta de internacionalização, a “*Garden Cities & Town Planning Magazine*”, da GCTPA, deixa de ser o único portal de divulgação da Federação, que passa a utilizar também a revista “*La Vie Urbaine*”, essa para publicações em idioma francês (Allan, 2013, p. 60; IGCTPA, 1922b, p. 7).

A situação e o desencanto dos demais países continentais pelas cidades jardins parecem não ter agradado os representantes britânicos, que vieram a se desentender com os franceses após a palestra do novo presidente do comitê executivo, Henri Sellier, levando ao encerramento antecipado do congresso e ao cancelamento das visitas que seriam feitas aos arredores das cidades de Paris e Reims e de regiões pobres e fortificações antigas (IFHP, 1963a; IGCTPA, 1922b, p.29).

⁸ Em português: Federação Internacional de Cidades Jardins e Planejamento Urbano.

A MORTE DO MOVIMENTO INTERNACIONAL DAS CIDADES JARDINS

Passado o momento de choque administrativo da IGCTPF, o seu 7º Congresso ocorre na cidade de Gotemburgo, na Suécia, onde compareceram 300 participantes de 22 países. Entre as sessões, ainda se contou com trabalhos que debatiam os benefícios da cidade jardim, tema que contou com duas apresentações (25% dos temas trabalhados). Porém, a atenção principal agora estava voltada para os problemas do desenvolvimento urbano, principalmente em cidades superpovoadas, dando destaque a propostas de planejamento urbano, rural e regional, que contaram com a apresentação de quatro trabalhos (50% do total). Os demais dois trabalhos apresentados foram sobre o desenvolvimento das cidades de Gotemburgo e da Finlândia em geral (12,5% cada). Nota-se que as cidades jardins não possuíam mais a preferência dos planejadores quando o assunto é a solução dos variados problemas urbanos (em especial a superpopulação), com a maioria optando pelo planejamento local, facilitado a partir da descentralização do processo decisório, que, defendiam, deveria ficar nas mãos das autoridades locais (IGCTPF, 1923).

No 8º Congresso Mundial, em 1924, na cidade de Amsterdã, onde participaram 500 delegados de 28 países, como fruto de um “amadurecimento” da Federação e de seus membros, as cidades jardins já não são mais mencionadas como meio possível de se desafogar o grande número de habitantes das, cada vez mais comuns, metrópoles, mas sim o planejamento de cidades satélites, principalmente através de um bem estudado planejamento regional (IGCTPF, 1924, p. 283-286), ideia que obteve boa aceitação e, nas palavras de frequentadores do evento, levou as discussões “da infância para a fase adulta” (IFTCPGC, 1924, p.49).

Nenhum dos trabalhos apresentados durante o evento fez menção ao movimento das cidades jardins. Os trabalhos apresentados foram sobre os princípios gerais do planejamento regional (um artigo, 12,5%); problemas técnicos do planejamento regional (um artigo, 12,5%); problemas legais do planejamento regional (três artigos, 37,5%) e; parques e recreação (três artigos, 37,5%). Com essa demonstração de falta de interesse pela ideologia que levou à fundação da entidade, em 1913, a Federação tem seu nome alterado para *International Federation for Town & Country Planning and Garden Cities*⁹ – IFTCPGC,

⁹ Em português: Federação Internacional para Planejamento Urbano e Rural e Cidades Jardins.

mostrando, uma vez mais, a perda da importância do tema das cidades jardins, relegado à última posição no seu título (IFHP, 1963a).

Em 1925 a IFTCPGC realiza um passo importante em sua política de maior internacionalização e atravessa o Atlântico, chegando à cidade de Nova York, primeira sede não europeia de um encontro da Federação, onde 500 delegados de 26 países se fizeram presentes, 130 deles sendo estrangeiros (Allan, 2013, p. 74). Na América, o foco é voltado para as dificuldades que surgiam com a popularização dos automóveis, de maneira que a atenção se volta aos problemas de tráfego e vias arteriais, com a proposição de transporte público e planejamento urbano como soluções permanentes ao deslocamento dos trabalhadores e ao congestionamento. O encontro teve o apoio da Liga das Nações, cada vez mais preocupada com o planejamento urbano, o que causou uma aproximação entre os dois organismos internacionais (IFTCPGC, 1925).

Vinte e seis artigos foram apresentados em sete grupos de discussão. O primeiro deles foi sobre “o problema do tráfego”, com quatro artigos (15,38%), seguido de “o tráfego em Nova York”, com cinco artigos (19,23%), ou seja, nove trabalhos, ou 34,61%, deram conta desse tema. As outras sessões foram “Planejamento regional de Nova York”, com dois artigos (7,69%), planejamento de áreas, com quatro artigos (15,38%), “planos típicos das cidades”, com três artigos (11,53%) e “Zoneamento”, quatro papers (15,38%) (IFTCPGC, 1925). Uma vez mais, não se tocou no assunto cidades jardins.

Foi então, Em 1926, no 10º congresso da Federação, na cidade de Viena, apenas treze anos após a sua fundação, que as cidades jardins são, de certa forma, abandonadas pela Federação. Os temas abordados foram “a posse da terra pela municipalidade e o planejamento regional e urbano”, que contou com 14 artigos, 52% de todos apresentados no evento, dos quais cinco eram sobre planejamento urbano (35,71%), quatro sobre políticas fundiárias (28,57%) e cinco sobre o debate público/privado (35,71%); e a outra sessão foi sobre “a distribuição racional de pequenas habitações e cortiços”, com 13 artigos, 48% de todos os trabalhos. Além desses trabalhos, houve um fórum de discussões sobre “a habitação e sua utilidade pública”, ou seja, pelo terceiro encontro consecutivo, nada de cidades jardins (IFHTP, 1926).

Como não tardaria a ocorrer, Após três edições de congressos em que não se trabalhou mais com as cidades jardins, o movimento internacional em prol da ideologia de Ebenezer

Howard se mostrava esgotado, e se optou por uma nova alteração do nome da entidade, suprimindo dela o termo “cidades jardins”, que fizera parte de seu título desde sua fundação, passando a se chamar *International Federation for Housing and Town Planning* - IFHTP,¹⁰ nome que muito se assemelha àquele que a entidade mantém na atualidade, *International Federation for Housing and Planning* – IFHP, alcunha que só seria adotada após o congresso de 1960, em San Juan de Porto Rico. Estava adiantado o processo de amadurecimento da instituição que nascera tão positivista, e agora se voltava a problemas mais realistas. Sua “infância” durara treze anos.

CONCLUSÃO

A IGCTPA foi fundada em um período colonial muito próximo à Era Vitoriana (1837-1901), baseada em uma ideia que surge durante esse momento de apogeu da civilização britânica, e mantém o positivismo dessa era enquanto pôde, o que não duraria muito tempo. O clima de progresso e futuro promissor que durara durante o século das luzes não sobreviveria às guerras mundiais, o que não seria diferente com a organização que estudamos.

Ao que parecia, assim como as ciências físicas e médicas e as tecnologias de comunicação, com o advento do rádio, as cidades e o habitat humano também evoluiriam constantemente, gerando um mundo de qualidade de vida incomparável, e que teria as cidades jardins, esse misto de urbano e rural, como seu maior expoente. Porém, junto a essas técnicas tão positivas e que ampliavam a expectativa de vida e o conhecimento da medicina, se produziu uma série de armas de destruição, que seriam utilizadas para liquidar a Europa. As guerras mostraram o que de pior a humanidade poderia gerar, causando morte, miséria e fome em escalas também nunca vistas antes. O choque fora demais para que o positivismo do século XIX sobrevivesse. Não é a toa que a historiografia marca 1914 como o início do século XX.

Ainda que, nos primeiros anos posteriores ao conflito, os britânicos, pouco afetados pela guerra, ainda mantivessem parte do entusiasmo com a ideologia que deram origem, a

¹⁰ Em português: Federação Internacional para a Habitação e o Planejamento Urbano.

Europa continental não poderia se dar ao luxo de imaginar um futuro ideal, mas precisava se focar nos problemas presentes, com suas cidades destruídas, grande número de incapacitados e sem-teto e, para piorar, tudo às portas da pior crise da história do capitalismo. Esse cenário levaria ao conflito interno que faria a Associação sofrer tão radical mudança e amadurecer em suas propostas, arrastando os seus fundadores, ainda que à força, junto à modernização da, agora, Federação.

À medida que os anos foram se passando a Federação se focava cada vez mais em pontos específicos que a modernidade acabava gerando, tais como a superpopulação das grandes cidades, a falta de espaço físico e a necessidade da ampliação de vias para o sempre crescente fluxo de automóveis. A expressão utilizada no congresso de 1924, “amadurecimento”, é apropriada para descrever o que ocorreu nos anos imediatamente após a primeira guerra mundial, quando os sonhos de um futuro magnânimo, comunitário e pacífico são substituídos pela realidade das necessidades presentes e do planejamento para um futuro realista, que evitasse os problemas que até então se apresentavam. Assim, por ser fruto da transição entre dois momentos tão distintos da História Contemporânea, o vitoriano movimento internacional das cidades jardins tivera a curta duração de treze anos, enquanto aprendia a ser realmente internacional e moderno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Allan, G. 2013. *A Hundred Years at the Global Spearhead. A Century of IFHP 1913-2013*, Copenhagen, Narayana Press.

Garden Cities and Town Planning Association 1913c. *Garden Cities and Town Planning Magazine*. Vol. III, nº 8.

Garden Cities and Town Planning Association 1914a. *Garden Cities and Town Planning Magazine*. Vol. IV, nº 3.

Garden Cities and Town Planning Association 1914b. *Garden Cities and Town Planning Magazine*. Vol. IV, nº 5.

Garden Cities and Town Planning Association 1914c. *Garden Cities and Town Planning Magazine*. Vol. IV, nº 7.

Garden Cities and Town Planning Association 1914d. *Garden Cities and Town Planning Magazine*. Vol. IV, nº 8.

Garden Cities and Town Planning Association 1919a. *Garden Cities and Town Planning Magazine*. Vol. IX, nº 9.

Garden Cities and Town Planning Association 1919b. *Garden Cities and Town Planning Magazine*. Vol. IX, nº 12.

Garden Cities and Town Planning Association 1920. *Garden Cities and Town Planning Magazine*. Vol. X, nº 5.

Hall, P. 2011. *Cidades do Amanhã: Uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX*, São Paulo, Perspectiva.

International Federation for Housing and Planning 1963. *Bigger Cities or More Cities? Faut-il accroître nos villes ou les multiplier? Sollen wir unsere Städte vergrößern oder sie vermehren? Golden Jubilee Conference*. Arnhem.

International Federation for Housing and Planning 2013. *IFHP 100 Centenary – Tomorrow*, Copenhagen, IFHP Copenhagen Office.

International Federation for Housing and Town Planning 1926. *International Housing and Town Planning Congress Report*, Viena.

International Federation For Town and Country Planning and Garden Cities 1924. *International Federation for Housing and Town Planning Congress*, Amsterdã.

International Federation For Town and Country Planning and Garden Cities 1925. *International Town Planning Conference New York, 1925, Report*. Nova York.

International Garden Cities and Town Planning Association 1920. *Report of Conference and Annual Meeting*, Londres.

International Garden Cities and Town Planning Association 1922. *Report of Conference London, 1922*, Londres.

International Garden Cities and Town Planning Association 1922b. *Report of Conference Paris, 1922*. Paris.

International Garden Cities and Town Planning Federation 1923. *International Federation for Housing and Town Planning Congress*. Gotemburgo.

International Garden Cities and Town Planning Federation 1924. *International Federation for Housing and Town Planning Congress*, Amsterdã.

Mauer, T. & Outtes, J. 2014. Um Jardim Que Não Floresceu: Política, Vida e Morte do Movimento Internacional das Cidades Jardins (1913-1926). Artigo submetido ao *III Seminário da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora*, no prelo.